



THE TENANT OF WILDFELL HALL: UM ESTUDO SOBRE O MORALISMO CRISTÃO NO ROMANCE DE FORMAÇÃO DE ANNE BRONTË.

Jorge Alves Pinto; Ana Paula Herculano Barbosa; Prof^ª Dr^ª Danielle Dayse Marques de Lima

alvesjorge11119@gmail.com

paulaherculano@gmail.com

daniellemarques.ufcg@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: Na Inglaterra vitoriana (1830-1901), a moral e os valores desempenhavam um importante papel social e deveriam ser mantidos a qualquer custo, a fim de preservar a seriedade e constância (*earnestness*) do sujeito. Os romances escritos dentro desse período histórico descrevem e exemplificam com clareza, através da trajetória de vida dos protagonistas, que sua formação, desde a infância até a vida adulta, atravessa diversos conflitos sociais e morais. Um desses romances, *corpus* do presente trabalho, é *The Tenant of Wildfell Hall*, da escritora Anne Brontë. A obra da mais jovem dentre as três aclamadas irmãs Brontë apresenta para seu leitor um “quadro perfeito do ser mulher” na Era Vitoriana, pois a protagonista heroína da obra (Helen) representa um modelo a ser seguido de acordo com os moldes femininos da época (GREENBLAT, 2006, p. 979 - 1001). Anne Brontë, filha de um reverendo da Igreja Anglicana em Yorkshire, expõe em sua obra um vasto conhecimento religioso cristão que permeia todo o texto, ao ponto de as condutas e ações das personagens serem ancoradas e julgadas pela observância à moral religiosa ou pela ojeriza a esta. A protagonista mostra-se como um anjo doméstico que, obedecendo ao enquadre feminino do período vitoriano, intercede por alguns personagens e especialmente por seu marido, com o intuito de reformá-lo e convertê-lo. Temos por objetivo, respaldados pelas características deste romance de formação - terminologia que se adequa a esta narrativa, visto que, de acordo com Georg Lukács, a protagonista encontra-se no lugar do sujeito moderno, que busca conciliar seus princípios e sonhos com a adversa realidade que a cerca ao longo de sua trajetória formativa (LUKÁCS, 2000) - tecer considerações acerca do processo formativo moral da protagonista, e de suas intervenções na conduta e na formação de alguns personagens. Analisaremos também, através de excertos de *The Tenant of Wildfell Hall*, como se dá a aprendizagem da vida por meio do viés religioso cristão, e como o moralismo é apresentado na obra, tornando-a, até certo ponto, catequética. Pela atualidade da obra, acreditamos que sua temática pode ser abordada nas aulas de inglês do ensino médio, por meio da leitura de trechos da obra, e por meio da relação que pode ser estabelecida entre o contexto religioso e feminino vitoriano e o contexto atual brasileiro, sendo este um caminho bastante proveitoso para fomentar discussões acerca da diversidade religiosa, e das diferentes visões religiosas sobre o feminino. A leitura de textos literários nas aulas de Língua estrangeira propicia ao aluno a possibilidade de ampliar sua visão sobre outras culturas e sobre como certos valores são retratados em outras épocas, construindo uma ponte com a realidade local e temporal em que se lê a obra (TIBERIO, 2014). Ao fomentar discussões deste caráter, atendemos ao que preconizam os PCNs no que diz respeito aos temas transversais e à relação entre linguagem e sociedade (BRASIL, 2000).

Palavras-chave: Era Vitoriana; Romance de formação; Moralismo cristão.





INTRODUÇÃO

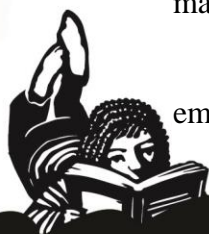
A leitura literária nos faz compreender épocas, dimensões culturais de diversos povos, línguas, crenças e papéis sociais. A riqueza da literatura independe de qual época ela foi produzida, pois atravessando a história e o tempo, valiosos tesouros, antigos e contemporâneos, entrecruzam-se e conversam entre si despertando no leitor as mais diversas impressões, abrindo espaço para conjecturas, e de modo mais profundo, para análises.

Anne Brontë, figura feminina da sociedade vitoriana, é irmã de Charlotte Brontë e Emily Brontë, autoras de *Jane Eyre* e *Wuthering Heights*, respectivamente. Enquanto suas irmãs alcançaram grande renome com a publicação de seus romances, Anne permaneceu e ainda permanece ofuscada por elas. Sua obra *The Tenant of Wildfell Hall* (menos conhecida do que seu outro romance *Agnes Grey*) foi considerada ultrajante e além de seu tempo para a moral inglesa vitoriana do século XIX.

The Tenant of Wildfell Hall é o *corpus* do presente trabalho, sendo o texto de Anne Brontë escolhido como nosso objeto de estudo, haja vista as diversas conjecturas e discussões suscitadas *a posteriori* em relação à nossa leitura, bem como pelo fato de Anne ser a mais esquecida dentre as três irmãs Brontë, e por haver um escasso número de produções acadêmicas sobre suas obras.

Em linhas gerais, *The Tenant of Wildfell Hall* gira em torno da história de Helen Graham, uma viúva misteriosa que chega a um pequeno vilarejo e desperta a curiosidade de todos, especialmente de um rapaz chamado Gilbert Markham. Ao se aproximarem um do outro Helen chega a entregar-lhe seu diário, e ao fazê-lo o leitor pode então junto a Gilbert descobrir quem é Helen, de onde vem, qual sua história e o porquê de estar naquele vilarejo sozinha com seu filho. Ao acompanhar a leitura do diário descobrimos que Helen casou-se com Arthur Huntingdon, um homem sem tato e sem escrúpulos, que a maltrata, é dado aos vícios, e chega a traí-la. Diante das adversas situações interpostas entre Helen e Arthur, dá-se o momento no qual ela decide abandoná-lo por priorizar a integridade moral do filho deles, que estaria sendo “contaminado” pelo comportamento inapropriado do pai. Ao deixar o marido, passa a viver no vilarejo onde mora seu irmão, mas não demora e volta para a casa onde vivia com seu cônjuge para cuidar dele em sua condição enferma, permanecendo ao seu lado até que pereça. Dada a morte de Arthur, Helen vê-se livre da indissolubilidade matrimonial e se compromete com Gilbert, por quem nutria sentimentos afetuosos.

A trajetória formativa da protagonista é repleta de adversidades e peripécias que põem em xeque sua moral e sua fé, tornando penosa a conciliação de seu Eu com o mundo à sua





VII ENLIJE

volta (LUKÁCS, 2000). Não obstante Helen lide com muitos problemas ao longo da história, é a sua fé que a mantém firme e resistente em relação ao patriarcado - na medida do possível, levando-se em consideração o contexto moral vitoriano - equilibrando em diversos momentos as relações de poder. A fé da protagonista age como importante fator constituinte de sua moral que, por sua vez, define em grande parte o caráter desta personagem feminina, a qual, em sua formação, consegue conciliar fé e transgressão, a moral e a “desonra”, tornando-a um intrigante exemplo de mulher na Era Vitoriana.

Acreditamos que o romance de Anne Brontë é um romance de formação e assim, fundamentados em Lukács (2000) e Maas (2000), discorreremos acerca disso no presente trabalho. Temos por objetivo analisar como o moralismo cristão está presente na obra e como o mesmo é apresentado nas ações da protagonista, que tenta por meio de sua formação religiosa também converter alguns personagens. Desta forma, tencionamos apontar por que e como a obra torna-se até certo ponto catequética. Pretendemos ainda propor uma forma de explorar a obra enquanto recurso pedagógico, visto que a literatura tem um papel importante e, diríamos, indispensável na sala de aula, contribuindo para a formação linguística e humana dos sujeitos.

METODOLOGIA

Compreende-se por Era Vitoriana, em termos cronológicos, o período que se estende entre os anos de 1839 a 1901 na Inglaterra. Este período referencia a Rainha Vitória, principal símbolo moral e transmissor de valores durante o seu reinado. A Inglaterra vitoriana foi marcada por diversos acontecimentos importantes e reviravoltas sociais, dada a longevidade desta era. Tal período experimentou o avanço desenfreado da indústria, que aumentou os níveis de pobreza e marginalização laboral, experimentou também o aprofundamento das descobertas científicas, dentre as quais destacamos a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, que abalou as estruturas religiosas pré-estabelecidas, e até então verdades absolutas. Dentre as principais questões vitorianas, destaca-se também o imperialismo agressivo e dominante que se espalhou por vastos territórios internacionais, a ponto de a Inglaterra ser considerada o banco do mundo, detendo uma economia sólida (GREENBLAT, 2006).





VII ENLIJE

Uma palavra define o sentimento vitoriano: *earnestness*, que de acordo com o *English Oxford Dictionary Online* significa “convicção intensa e sincera”¹. Porém, ao falarmos em *earnestness*, remontamos tanto ao ideal de moral e de valores vitorianos, encarnados na figura poderosa da Rainha - modelo rigoroso de conduta feminina, sobretudo - como também à hipocrisia social que, ao elevar-se a um patamar de exemplo e virtude, escondia seus vícios e transgressões. A Era Vitoriana é marcada por este sentimento que, de fato, está presente em *The Tenant of Wildfell Hall*.

O dado período é marcado também pela difusão em massa do gênero romance:

O romance era a forma dominante na literatura vitoriana (...) Os romances vitorianos procuram representar um mundo social amplo e abrangente, com a variedade de classes e cenários sociais que constituem uma comunidade. Eles contêm uma multidão de personagens e um número de enredos, pondo em ação os tipos de padrões que revelam a visão do autor sobre as estruturas profundas do mundo social (GREENBLAT, 2006, p. 994, tradução nossa).²

O romance vitoriano apresenta, por sua vez, com riqueza de detalhes, os aspectos sociais e morais da época, e é o indivíduo em conflito com o ambiente social o principal tema do gênero romanesco deste período, o que nos leva ao *romance de formação*.

Antes de discorrermos sobre o que é o romance de formação em uma tentativa de defini-lo, é importante que reconheçamos algumas características que o diferenciam, por exemplo, das grandes narrativas heróicas:

[Há no romance] a necessidade interna de se representar um universo particularizante e, portanto, individualizado (...) Para o romance realista, uma “nova perspectiva” se faz necessária, a qual se desenvolve por meio de dois aspectos: da caracterização e apresentação detalhada do ambiente, e da individualização dos personagens (...) O personagem de romance só pode ser individualizado quando situado num tempo e num local particularizados (SILVA, 2016, p. 21 - 22).

O romance vitoriano é rico em detalhes espaciais e temporais, que constroem os cenários e as diversas temporalidades das ações, e esta riqueza de detalhes é responsável pela representação de vários ambientes sociais, como é também responsável por expor os fatores

¹ “Intense and sincere conviction”: ><https://en.oxforddictionaries.com/definition/earnestness>< Acesso em 25 de setembro de 2018.

² “The novel was the dominant form in Victorian literature(...)Victorian novels seek to represent a large and comprehensive social world with the variety of classes and settings that constitute a community. They contain a multitude of characters and a number of plots, setting in motion the kinds of patterns that reveal the author’s vision of the deep structures of the social world.”





que conflituam com o interior particular dos personagens. Há uma relação dialética entre a formação do *self* do personagem com o espaço-tempo no qual está inserido e sobre o qual atua, transformando-o e sendo por ele transformado.

O romance realista é o romance do sujeito comum, que não é deus, herói mítico, semideus, tampouco rei, mas um indivíduo, em meio a um contexto burguês, que precisa ascender socioeconomicamente e construir seu próprio curso. Desta forma, o romance realista tem primazia sobre o universo burguês: “Produzido, consumido, e editado pela burguesia o romance realista reinará soberbo como a forma narrativa que sobreviverá até mesmo à estética experimental das vanguardas do século XX” (MAAS, 2000, p. 23).

O romance realista, ao focar na trajetória formativa de seu protagonista, recebe o nome de romance de formação. Em uma tentativa de defini-lo, Maas (2000) discorre em sua obra *O Cânone Mínimo: o bildungsroman na história da literatura* sobre o conceito de *bildung*, palavra emblemática que sofreu alterações de significação ao longo da história da língua alemã. Eis a dificuldade de traçar uma definição clara, pois é uma palavra fruto de outro idioma utilizada em determinado contexto sócio histórico que evoluiu com o passar do tempo. Maas (2000) explica que o primeiro significado de *bildung* está relacionado à “imitação” e “reprodução”, depois adquiriu a conotação de “forma” e “formação”, sendo compreendido como também “formação e desenvolvimento de características pessoais como intelecto, bons costumes, comportamento através de influências exteriores” (p. 26). Por meio da influência iluminista, o conceito foi sendo consolidado como a construção do caráter e a possibilidade de aperfeiçoamento pessoal. Posto que não é nosso intuito traçar um caminho histórico e etimológico detalhado do termo *bildung*, passemos ao que é, portanto, considerado romance (*roman*) de formação (*bildung*).³

O termo *bildungsroman* foi utilizado pela primeira vez por Karl Mongenstern em uma conferência em 1820: “[Tal forma de romance] poderá ser chamada de *Bildungsroman*, sobretudo devido a seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade” (MONGENSTERN, 1988, p.64 apud MASS, 2000, p.46). A definição proposta pelo autor é bastante clara em relação à trajetória do protagonista, que tem o tempo de sua vida para progredir enquanto pessoa e construir sua imagem e caráter. Lukács (2000) em *Teoria do Romance* constrói um estudo que traz reflexões através de um apanhado histórico-filosófico sobre as formas da épica, discorrendo, obviamente, também sobre as formas romanescas. Acerca do que

³ Para um estudo aprofundado sobre o termo *bildung* recomendamos a leitura de *O Cânone Mínimo: o bildungsroman na história da literatura* por Wilma Patricia Maas (2000).





consideramos romance de formação ele afirma: “[Relaciona-se] com a reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta” (LUKÁCS, 2000, p.138).

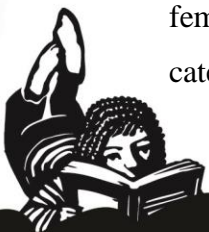
Para Lukács (2000) a reconciliação entre indivíduo e sociedade não pode ser harmoniosa, porém deve encontrar harmonia em seu âmago final, em que há o desfecho conciliador entre interior e exterior. O filósofo advoga que os conflitos do protagonista são essenciais para a *formação* das qualidades humanas. É o constante conflito que gera a paulatina formação do protagonista até sua reconciliação com o ambiente social. É desta forma que Anne Brontë constrói sua protagonista em *The Tenant of Wildfell Hall*, que enfrenta diversos conflitos até um desfecho conciliador, coadunante com os princípios do romance de formação, pois como afirma Maas (2000): “(...) as intrincadas relações entre as personagens (...) ao final do romance, se explicam e se harmonizam, não apenas por relações de matrimônio e parentesco, mas também de afinidades espirituais, eletivas” (p. 22).

Dentre os diversos aspectos formativos de um sujeito, podemos destacar o papel da religião, especialmente em *The Tenant of Wildfell Hall*, em que as ações da protagonista são reflexo de sua formação religiosa. Haja vista o que foi mencionado, a leitura da Bíblia (2014), bem como do Catecismo da Igreja Católica (1992) se fez necessária perante a presença bastante notável da doutrina cristã no processo formativo da heroína.

A perspectiva formativa e religiosa da obra pode ser explorada na sala de aula de língua inglesa, e para isso propomos traçar uma proposta pedagógica que contemple o uso da literatura na aula de inglês. Pretendemos que os alunos tenham conhecimento do enredo do romance por meio do recurso fílmico ao assistir à série (GUMESSON, 2010) baseada na obra, e após a leitura de alguns trechos da obra, tomem parte na discussão do papel formativo da religião, e de sua relação com o feminino. Para a construção da proposta pedagógica, nos fundamentamos em Tibério (2014) sobre literatura na aula de inglês e nos PCN (2000).

RESULTADOS

Nesta seção apresentaremos e comentaremos três trechos da obra que elucidam a formação religiosa da protagonista, e a influência direta desta na história de um dos personagens, além de sua relação com as expectativas do contexto vitoriano em relação ao feminino. A análise dos trechos será feita por meio da identificação e referenciação bíblico-catequética tendo como base a Igreja Católica Apostólica Romana.





VII ENLIJE

O primeiro trecho ilustra o momento em que Helen está cuidando de seu marido e que, devido à sua enfermidade, está perecendo. Durante esse período, Arthur vê-se obrigado a aceitar o auxílio esponsal de Helen e mesmo assim continua tratando-a mal. No entanto, no trecho a seguir percebemos que ele reconhece, seja conscientemente ou por delírio, que sua esposa seria capaz de ajudá-lo a ser salvo em ambos os campos: espiritual e físico. Naquele, porque Helen é uma mulher de fé, e neste porque ela já vinha cuidando-lhe o corpo desde que adoeceu:

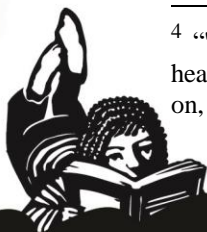
‘Sim, agora, meu imaculado anjo; mas, quando tiver assegurado sua recompensa e se encontrar segura no céu, e eu uivando no fogo do inferno, nunca erguerá um dedo para me servir, então! Não, você olhará complacentemente para a frente e sequer mergulhará a ponta de seu dedo na água para esfriar minha língua!’ (BRONTË, 2012, p.314).⁴

Percebemos o quão religiosa a protagonista é quando seu marido se refere a ela como um “anjo imaculado”. Esta ideia de anjo imaculado referência também o papel da mulher na Era Vitoriana, que deveria ser recolhida às atividades domésticas, tais como o cuidado do lar e dos filhos, para o bem estar do marido. A mulher era posta, portanto, numa posição de inferioridade mesmo que considerada um “anjo doméstico”, já que o referido atributo, apesar de ter uma conotação de superioridade, delega à mulher um dever quase que divino e inatingível, privando-a de quaisquer outras atividades que não sejam do âmbito doméstico (GREENBLAT, 2006).

Ele, Arthur, eleva Helen a um patamar altíssimo por meio do adjetivo *imaculado*, e continua, pois, a exprimir a certeza de sua santidade quando faz referência ao trecho bíblico em que o velho rico, do inferno, pede auxílio e piedade a Lázaro, que já gozava da alegria celeste: “Então gritou: Pai Abraão, tenha piedade de mim! Mande Lázaro molhar a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, porque estou atormentado neste fogo” (Lc 16, 24). Helen é também comparada a Lázaro, exprimindo portanto em seu caráter uma condição de superioridade e piedade.

A protagonista consegue, através de seu comportamento abnegado, como convinha ao “anjo doméstico”, modelo de conduta feminina vitoriana, não ser individualista, ao contrário, ela doa-se e volta para cuidar do seu marido porque “§1640. O vínculo matrimonial é estabelecido pelo próprio Deus, de modo que o casamento realizado e consumado entre

⁴ “Yes, now, my immaculate angel; but when once you have secured your reward, and find yourself safe in heaven, and me howling in hell- fire, catch you lifting a finger to serve me then! No, you'll look complacently on, and not so much as dip the tip of your finger in water to cool my tongue!” (BRONTË, 2012, pag. 411)





batizados jamais pode ser dissolvido” (CIC, 1992, p. 448). A indissolubilidade matrimonial, associada à abnegação do comportamento feminino padrão do período vitoriano, impele Helen a ir ao encontro de Arthur, mesmo após as adversidades pelas quais ele a fez passar, sendo estas constituintes do ambiente externo que lhe cerca, e constituintes de provas de fé e valores. Tudo isso a coloca em uma situação conflituosa e desconfortável, mas ainda assim a protagonista encontra equilíbrio (MAAS, 2000) através da sua formação religiosa.

O segundo trecho que apresentamos abaixo elucida bem “o equilíbrio entre as forças individuais e a influência das forças exteriores, da natureza e do ambiente, sobre o desenvolvimento pessoal” (MAAS, 2000, p. 104):

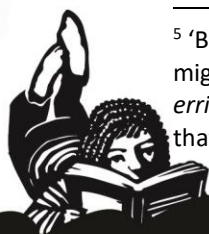
“Mas, graças a Deus, tenho esperanças – não apenas de uma vaga dependência na possibilidade de que a penitência e o perdão possam ter chegado a ele, por fim, mas da abençoada confiança de que, sejam quais forem os purificadores fogos pelo quais o espírito errante possa ser condenado a passar – seja qual for o destino que o aguarda – ainda não está perdido e Deus, que nada odeia o que Ele fez, irá abençoá-lo ao final!” (BRONTË, 2012, p.318).⁵

O excerto acima ilustra a posição de Helen ante o falecimento de Arthur. Helen, mediante sua formação cristã, que molda seus princípios, acredita que mesmo depois de tudo o que seu marido fez, bem como de sua não conversão ainda que diante da morte iminente, sua alma não está perdida. Este é um momento deveras simbólico na narrativa, pois exprime a piedade cristã de Helen para com a alma de seu marido, apregoando a salvação da mesma.

Encontramos na fala da protagonista uma referência clara ao purgatório como elemento constituinte do processo salvífico cristão da alma daqueles que precisam purificar-se antes do encontro definitivo com Deus: “§1030. Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, *sofrem depois da morte uma purificação*, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu” (CIC, 1992, p. 290, grifos nossos).

A tradição cristã acredita no purgatório como o estado purificador no qual se encerra a conciliação entre o sujeito e Deus. Helen, ao acreditar que Arthur tem salvação, recorre à fé para exprimir a forte característica intercessora que possui, necessária para a construção do enredo, visto que sua ação interfere para a conversão do outro: “a sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o

⁵ ‘But, thank God, I have hope - not only from a vague dependence on the possibility that penitence and pardon might have reached him at the last, but from the blessed confidence that, *through whatever purging fires the erring spirit may be doomed to pass - whatever fate awaits it - still it is not lost*, and God, who *hath nothing that He hath made, will bless it in the end!*’ (BRONTË, 2012, pág. 417, grifos nossos)





desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos” (LUKÁCS, 2000, p. 141).

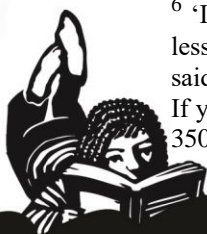
A ação interventora de Helen é sobretudo notável quando a mesma torna-se responsável pela reconstrução de um casamento dentro da narrativa. Dois personagens, Hattersley e Millicent, casam-se e a relação não vai bem por causa do comportamento de Hattersley. Na história, ele é amigo de Arthur e, portanto, dado às bebidas e jogatinas, tratando sua esposa como mero objeto que está em sua posse. A narrativa expõe a relação objetificada e insincera do casal. Millicent escreve duas cartas para Helen sobre a situação de seu matrimônio e os problemas com seu marido, ao que a protagonista intervém. Helen mostra as cartas para Hattersley e o convence de seu comportamento incoerente com a moral cristã e com o exemplo que o marido deveria prover à família. A intercessão de Helen é reflexo do seu próprio matrimônio, ou seja, já que não conseguia converter seu marido até então, impediria pelo menos que outro matrimônio se “dissolvesse”:

“(…) estou bem certa de que, se você se comportasse melhor, ela o amaria ainda mais e caso se comportasse pior, ela o amaria cada vez menos, até que tudo se perca em medo, aversão e amargor de alma, se não em secreto ódio e desprezo’ [Hattersley disse]: ‘Deus sabe que fui um maldito patife mas você verá que eu me corrigirei – maldito eu seja se não!’(…) ‘Se você pretende se apumar, evoque a bênção de Deus, Sua misericórdia e Sua ajuda; não Sua maldição.’ (BRONTË, 2012, p. 267-268).⁶

A moral que Helen detém é capaz de salvar um relacionamento, e assim ela converte Hattersley, incutindo em seu coração o desejo pela reforma pessoal, o que o torna depois um homem de caráter moral condizente com o esperado pelos moldes cristãos. Desta forma, ainda que o romance privilegie “os fatos e acontecimentos com seus efeitos interiores sobre o protagonista” (MAAS, 2000, p.47), a heroína de *The Tenant of Wildfell Hall* enseja a formação dos personagens, ao passo que sofre os efeitos do ambiente social que a cerca.

Afirmamos que a obra de Anne Brontë é catequética, não só pelas referências doutrinárias cristãs, mas pelo prevalecer da moral sobre os personagens no fim da narrativa. Todos os personagens de índole questionável, de acordo com a moral cristã, e que não se converteram, tais como Arthur e seus amigos, terminam mortos, ao passo que Hattersley, por exemplo, devido à sua conversão e reforma moral, tem ainda uma história a ser escrita com

⁶ ‘I am quite sure, that if you behave better, she will love you more, and if you behave worse, she will love you less and less till all is lost in fear, aversion and bitterness of soul, if not in secret hatred and contempt’ [Hattersley said:] ‘I’ve been a cursed rascal, God knows, but you see if I don’t make amends for it - d - n me if I don’t’ ‘(…) If you intend to reform, invoke God’s blessing, His mercy, and His aid; not His curse’ (BRONTË, 2012, p. 348 - 350)”





sua esposa, Millicent. Logo, a tradicional catequese de conversão permeia a obra do início até o fim, com as recompensas que seriam justas à situação de cada personagem.

DISCUSSÃO

No que concerne à utilização da obra *The Tenant of Wildfell Hall* em aulas de inglês para o ensino médio, pretendemos apresentar o romance de Anne Brontë a partir da série homônima produzida pela BBC em 1996, tendo em vista que a leitura integral da obra pelos alunos seria um objetivo difícil de alcançar, devido ao alto grau de conhecimento da língua que seria necessário (TIBÉRIO, 2014).

Ao escolher utilizar uma adaptação da obra, concordamos com Gumesson (2010) que afirma que o recurso

audiovisual possui grande capacidade de contribuir para a aula de língua inglesa. A seleção de determinado gênero de vídeo, aliada a uma proposta de atividade adequada em sala de aula, pode ajudar os alunos a desenvolver as quatro habilidades essenciais da língua (listening, reading, writing, speaking) (2010, p. 523-524).

Dessa forma, durante duas semanas os alunos iriam assistir à série, no final de cada aula o professor realizaria um *brainstorming*, para que eles pudessem opinar e refletir sobre a trama dos fatos. E durante esses debates, o professor poderia despertar a atenção deles para algumas ações dos personagens, ações essas que seriam importantes para a segunda parte desta proposta.

Após assistir à série e realizar os debates ao final dos episódios, os alunos passarão a conhecer o enredo, os personagens e o espaço no qual a história de Helen Graham acontece, podendo agora serem apresentados a alguns trechos da obra, aqueles que se encontram na seção de análise do presente artigo. Ao utilizar os trechos em inglês, pode-se trabalhar no primeiro momento as estruturas gramaticais e lexicais ali presente, e em seguida pode-se passar para uma leitura crítica/analítica. O fato de utilizarmos a série para apresentar a obra antes permitirá que os alunos participem ativamente da leitura, pois os trechos estariam dispostos de uma forma contextualizada. Após a leitura e compreensão dos trechos, debates acerca da moral religiosa e da situação da mulher no período vitoriano, e como estas questões são perceptíveis nas ações de Helen, podem ser promovidos, levando os alunos a refletir sobre as ações da personagem e relacioná-las com suas vivências.





VII ENLIJE

Essa organização do conteúdo visa tornar a aprendizagem significativa para os alunos, para que assim, ao relacionar a obra com suas experiências pessoais, eles possam participar da construção do conhecimento. Dessa forma, estamos de acordo com os princípios dos Parâmetros Nacionais Curriculares:

a aprendizagem de Línguas Estrangeiras de uma forma articulada, em termos dos diferentes componentes da competência lingüística, implica, necessariamente, outorgar importância às questões culturais. A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais (BRASIL,2000, p.14).

A proposta pedagógica descrita acima trabalha com as habilidades de *listening* e *reading*, permitindo que os alunos tenham um contato maior com a língua alvo. E ao possibilitar o contato deles com o texto literário, o professor incentiva o exercício da leitura e elenca seus benefícios para a formação humana.

CONCLUSÃO

Ao estudarmos uma obra literária devemos considerar o período em que foi produzida. Com *The Tenant of Wildfell Hall*, romance de Anne Brontë, não seria diferente. Escrito e publicado na Era Vitoriana, várias marcas do referido período podem ser encontradas em sua composição, e uma delas é o forte moralismo cristão da época, além da situação da mulher em tal contexto.

Com o apoio dos estudos de Lukács (2009) e Maas (2000), evidenciamos o porquê a obra de Anne Brontë pode ser considerada um romance de formação, e com a análise de alguns trechos à luz da Bíblia e do Catecismo da Igreja Católica (1992) pudemos verificar como a moral religiosa cristã está presente na formação de Helen Graham. Pudemos também demonstrar como ela, guiada pela sua força de caráter, consegue vencer os conflitos externos e os rígidos padrões vitorianos de comportamento feminino, para enfim encontrar a tranquilidade, como recompensa pelas tribulações.

Na proposta pedagógica, sugerimos a utilização, além do texto literário, de um recurso audiovisual, a série *The Tenant of Wildfell Hall* (1996), com o intuito de familiarizar os alunos com o enredo, para que depois eles tenham contato com trechos da obra. Assim, tornam-se viáveis os debates acerca do moralismo religioso cristão e das possibilidades sociais da mulher no período vitoriano, e a reflexão sobre este assunto na vida dos alunos.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A **BÍBLIA**. Nova edição pastoral. São Paulo: Paulus Editora, 2014. 1543 p. Antigo e Novo Testamentos.

BRONTË, Anne. **A Moradora de Wildfell Hall**. Traduzido por Marcella Furtado. Edição bilíngue. São Paulo: Landmark, 2012.

BRONTË, Anne. **The Tenant of Wildfell Hall**. Amazon, 2018. Kindle Edition.

GREENBLATT, Stephen (ed.). **The Norton Anthology of English Literature**. Vol. 2. 8th ed. New York and London: W. W. Norton & Company, 2006.

GUMESSON, Duanny Woiciechowski Batista. **A utilização de vídeos em aulas de Inglês para o Ensino Médio**. Polyphonia, v. 21, n. 2, 2010.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 2ª edição. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2009.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: O bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2000.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Ensino Médio. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC, 2000.

PAULO II, JOÃO. **Catecismo da Igreja católica**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

TIBERIO, Daniela. **A leitura no ensino de língua inglesa**. 2014.

The Tenant of Wildfell Hall. Direção: Mark Baker. Produção: BBC. 1996 Disponível em: <<https://samantaf2010.wordpress.com/2011/10/22/the-tenant-of-wildfell-hall-bbc-1996/1996>> Acesso em: 27 de agosto de 2018.

